

Mais um ano muito difícil com financiamentos a juro muito elevado. Continuaremos a ver o esmagamento dos preços de venda, com empresas a vender abaixo do custo e o Estado a pressionar as empresas com impostos.



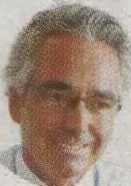
JOÃO DE QUINHONES LEVY
CEO da ECOServiços

Em 2017, haverá boas notícias na educação para a inclusão social: (1) mais crianças a usufruir de 3 anos de pré-escolar com o alargamento da rede (80% hoje), garantindo maior "igualdade de acesso" no 1.º ano (6 anos) e melhores condições para o sucesso escolar; (2) o insucesso no 2.º e 3.º ciclos continuará a baixar, com os programas do Governo, autarquias e sociedade civil; (3) a saída escolar precoce (jovens de 18-24 anos sem 12.º ano) ficará abaixo da média europeia pela primeira vez (10%).



DIOGO SIMÕES PEREIRA
Secretário-geral da EPIS

Ainda muito dependente da conjuntura externa, mas sendo de esperar uma continuada redução da despesa pública no total da economia, em resultado de um programa selectivo de investimento. E de esperar ainda uma melhoria na actividade económica quer para quem actua internamente quer para quem exporta. Por outro lado, é essencial estabilizar o funcionamento do sistema financeiro, como elemento fundamental na viabilização e manutenção de novos investimentos privados. Na área do turismo, antevemos um reforço dos bons números de 2016 em todas as regiões do país.



BERNARDO TRINDADE
CEO da Portobay

Na Sumol+Compal vemos com preocupação o impacto na actividade da empresa em Portugal que deriva da aplicação, a partir de Fevereiro próximo, do Imposto Especial de Consumo de bebidas adicionadas de açúcar e outros edulcorantes (IABA). O aumento desproporcionado da carga fiscal resultará inevitavelmente em aumentos significativos dos preços ao consumidor das bebidas refrescantes e, por essa via, numa contracção da procura, na transferência de consumo para marcas de distribuição, maioritariamente importadas, o que significará menor produção em Portugal e, conseqüentemente uma redução da actividade da empresa no nosso país. Para minimizar o impacto nos resultados iremos reforçar ainda mais a aposta na inovação e o crescimento nos mercados fora de Portugal.



DUARTE PINTO
Presidente executivo da Sumol+Compal



MANUEL REIS CAMPOS
Presidente da CPCI e da AICCOPN

Portugal não cresce sem um sector da Construção e Imobiliário forte e esperamos que 2017 seja o ano em que se criam as necessárias condições para a retoma do investimento. A consolidação de alguns sinais positivos, em especial no mercado imobiliário, e as declarações do primeiro-ministro, anunciando que a política de cidades, a habitação e a recuperação da actividade do sector são prioridades para o próximo ano alimentam uma expectativa positiva por parte das empresas que deve ser correspondida.

Um vento positivo começou a soprar este fim de ano sobre as economias europeias e americanas. A deflação já foi, o desemprego diminuiu significativamente, os salários voltam a crescer, e a política acomodativa dos bancos centrais está a ser substituída por orçamentos menos constrangedores. Estas melhorias não são desculpas para esquecer as reformas estruturais que impedirão a próxima crise. E os riscos políticos, tentações proteccionistas, secessionistas e beligerantes, podem a todo o momento transformar um bom ano 2017 numa recessão histórica... Estejamos atentos!



DIOGO SANTOS TEIXEIRA
CEO da Optimize Investment Partners



FRANCISCO VELOSO
Dean na Católica Lisbon School of Business and Economics

O ano de 2017 é um ano com grandes incertezas. A nível internacional temos, por um lado, uma clarificação do que irá significar o Brexit e uma governação Trump e, por outro, temos também grandes incógnitas associadas às eleições na Alemanha, França e provavelmente também em Itália. Os resultados destes processos irão condicionar de forma dramática o futuro da Europa e do mundo em quase todas as áreas. Em Portugal, a principal incerteza é a evolução das taxas de juro da dívida portuguesa, em função da evolução da nossa economia, mas também do programa de compra de dívida do Banco Central Europeu. Um sobressalto nesta área pode causar importantes dissabores ao país. Se ultrapassarmos o ano de 2017 de forma positiva, a perspectiva para os anos seguintes, em Portugal e na Europa, será muito mais risonha!

O preço do petróleo vai manter-se nos níveis actuais não abrindo novas perspectivas de crescimento em África. A América Latina vai apresentar interessantes crescimentos, excluídos os países que se encontram neste momento em crise. Os EUA apresentarão interessantes crescimentos internos, mas estarão mais fechados ao mercado internacional. A Europa manterá a eterna estagnação pois continuamos sem uma liderança forte nem um novo rumo, o que vai manter um clima de iminente crise na UE. As perspectivas em Portugal serão animadoras uma vez que haverá efeitos muito concentrados em 2017 dos investimentos P2020 que mostrarão alguma agitação na actividade industrial e agrícola e possivelmente ligeira melhoria de emprego. A crise bancária que afectou o país deverá ter um desfecho urgente pois não será possível continuar sem banca a apoiar as empresas, sabendo que os principais bancos viveram uma profunda crise em 2016. Se a CGD, o NB e o BCP não apoiarem as empresas teremos então uma verdadeira crise por falta de mecanismos de apoio aos negócios. Há portanto boas perspectivas para crescimento em Portugal, mas é necessário resolver a questão da banca. Espera-se estabilidade política e com as eleições autárquicas haverá alguma animação adicional.

Para Portugal é crítico que se verifique uma aceleração do investimento privado (nacional e IDE) em novas actividades produtivas para alavancar de forma sustentada o potencial de crescimento, actualmente demasiado baixo. E igualmente imperioso criar as condições para melhorar a percepção de risco soberano nos mercados financeiros internacionais, o que permitiria reduzir o elevado spread da dívida pública portuguesa e o próprio custo de financiamento das empresas privadas.



CARLOS POÇO
Presidente do Grupo Poço



CARLOS MARINHEIRO
Vogal da CFP

Em Portugal, com grandes riscos. Qualquer crise financeira internacional poderá levar a um segundo resgate com todo o impacto que isso acarreta.



JOSÉ BANCALEIRO
Managing partner da Stanton Chase

2017 será de grande instabilidade social e política na Europa, com as eleições que vão ocorrer a reforçar perigosamente as posições da extrema direita, estimulada pelos fenómenos Trump, migrantes e atentados. A economia portuguesa, está "presa por arames" e fortemente dependente de factores exógenos não controláveis... Portugal é dos países mais endividados do mundo (133% do PIB), e um aumento das taxas de juro, ou uma redução nas exportações, causará danos irreparáveis. A equação não é simples, pois Portugal necessita de investimento para dinamizar e fazer crescer a economia, e o próprio sistema financeiro está em "default". O discurso político deve continuar a ser de optimismo, mas com realismo e responsabilidade. As famílias e as empresas devem investir com contenção, e continuar o seu processo de desendividamento, preparando-se para um ano cheio de incertezas e que as tornarão indefesas perante o mínimo imprevisto.

Prevedemos um ano 2017 muito em linha com o ano de 2016, por isso, será um ano de grande volatilidade dos mercados, com possíveis problemas internacionais, não só a nível político, mas também ao nível económico e financeiro, se algumas nuvens que pairam no ar se vierem a concretizar, mas, por outro lado, também poderão surgir novos desafios e oportunidades com as grandes mudanças que podem vir a ocorrer.



JOÃO MIRANDA
CEO da Frulact



PAULO COELHO LIMA
Administrador da Lameirinho